

O IDEAL DE MATERNIDADE NOS ESPAÇOS VIRTUAIS: UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DA MATERNIDADE DE “MOMMY INFLUENCERS” NO INSTAGRAM

Thassia Souza Emídio

Unesp Assis

Gabriela Borsato Scaliante

Unesp Assis

Recebido em: 07/12/2022

1ª revisão em: 15/02/2023

Aceito em: 03/03/2023

RESUMO

Objetivou-se, neste estudo, refletir e compreender sobre como a idealização da maternidade nas redes sociais a partir da figura das “*mommy influencers*” reverbera na experiência de maternidade de mães que são suas seguidoras. Buscou-se elaborar uma reflexão sobre a idealização e os impactos que essas influencers trazem no exercício da maternidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que utilizou como instrumento a entrevista semidirigida. Participaram desta pesquisa sete mães, de sexo feminino, com idades de 21 a 31 anos, que exercem a maternidade e que acompanham o perfil de “*mommy influencers*” no Instagram. Os resultados mostram nos relatos das mães a forte presença de sentimentos de dúvida e ambivalência no que tange a maternidade. Ademais, observamos uma idealização da maternidade mostrada nos perfis de “*mommy influencers*” que impacta diretamente a vida das mães que são suas seguidoras, atuando como reforçadores da idealização da maternidade no imaginário social.

Palavras-chave: maternidade; redes sociais; virtualidade.

THE IDEAL OF MOTHERHOOD IN VIRTUAL SPACES: A STUDY ON THE PERCEPTION OF MOMMY INFLUENCERS ON MOMMY INFLUENCERS ON INSTAGRAM

ABSTRACT

The objective of this study was to reflect and understand how the idealization of motherhood in social networks based on the figure of “mommy influencers” reverberates in the motherhood experience of mothers who are their followers. We sought to elaborate a critical reflection on the idealization and the impacts that these influencers bring to the exercise of motherhood. This is a qualitative research, which used the semi-structured interview as an instrument. Seven mothers, female, aged between 21 and 31, who work as mothers and follow the “mommy influencers” profile on Instagram participated in this research. The results show in the mothers' reports the strong presence of feelings of doubt and ambivalence regarding motherhood. In addition, we observed an idealization of motherhood shown in the profiles of “mommy influencers”, that directly impacts the lives of the mothers who are its followers, acting as reinforcers of the idealization of motherhood in the social imaginary.

Keywords: motherhood; social media; virtuality.

EL IDEAL DE MATERNIDAD EN LOS ESPACIOS VIRTUALES: UN ESTUDIO SOBRE LA PERCEPCIÓN DE MAMÁS INFLUENCERS SOBRE MAMÁS INFLUENCERS EN INSTAGRAM

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue reflexionar y comprender cómo la idealización de la maternidad en las redes sociales a partir de la figura de las “mamis influencers” repercute en la experiencia de maternidad de las madres que son sus seguidoras. Buscamos elaborar una reflexión crítica sobre la idealización y los impactos que estas influenciadoras traen al ejercicio de la maternidad. Se trata de una investigación cualitativa, que utilizó como instrumento la entrevista semiestructurada. Participaron de esta investigación siete madres, del sexo femenino, con edades entre 21 y 31 años, que trabajan como madres y siguen el perfil de “*mommy influencers*” en Instagram. Los resultados muestran en los relatos de las madres la fuerte presencia de sentimientos de duda y ambivalencia respecto a la maternidad. Además, observamos una idealización de la maternidad que se muestra en los perfiles de “*momy influencers*”, que impacta directamente en la vida de las madres que son sus seguidoras, actuando como reforzadoras de la idealización de la maternidad en el imaginario social.

Palabras clave: maternidad; redes sociales; virtualidad.

INTRODUÇÃO

Neste estudo pretendemos compreender como a idealização da maternidade nas redes sociais, a partir da figura das *"mommy influencers"* reverbera na experiência de maternidade de mães que são suas seguidoras. Para tanto, desenvolvemos nosso estudo a partir da rede social Instagram que foi idealizado e construído com o intuito de permitir o compartilhamento de fotos e vídeos com usuários do mundo todo. Entretanto, de acordo com Brito e Morais (2020), o aplicativo se popularizou e passou a se tornar uma profissão para muitas pessoas que se destacaram, conseguindo alcançar um amplo número de seguidores. Esses perfis são chamados de influenciadores digitais, e são capazes de influenciar, formar opiniões, transmitir confiança e servir de referência para seus seguidores. A presença desses perfis cresceu e passou a abranger diversos assuntos, dentre eles, a maternidade, criando as chamadas *"mommy influencers"* ou mães influenciadoras.

Nesses perfis, as mães mostram a rotina da maternidade, os produtos utilizados, dão dicas de como vivenciar esse momento, falam sobre o parto, a amamentação e os cuidados diários com a criança. Nesse contexto, o Instagram passou a ser utilizado pela maioria dos influenciadores como uma vitrine em que devem mostrar uma vida aparentemente perfeita, e no caso das mães influenciadoras isso não é diferente. A partir das imagens construídas, a maternidade é idealizada e resumida em sentimentos de felicidade, conquista e plenitude.

É indubitável que a idealização da maternidade não surgiu nas redes sociais, mas foi construída ao longo dos anos, da mesma forma que o amor materno como um valor pessoal e social. Entretanto, por mais que os papéis de mãe e mulher sofram transformações nas estruturas sociais, econômicas e culturais, a "exaltação do amor materno como valor natural e social" (Emídio, 2011, p.29) vinculado à figura feminina ainda pode ser observado na contemporaneidade.

De acordo com Badinter (1985), o interesse e a dedicação no cuidado com os filhos não existiam em todas as épocas. Há mais de quatro séculos foi elaborada uma condição particular da mulher, que seria a existência de um instinto materno. Por muito tempo, acreditou-se que o amor materno era intrínseco à natureza da mulher, contudo a autora coloca o amor materno como um comportamento social, variando de acordo com os diferentes contextos históricos, sociais, econômicos e políticos. Seguindo a mesma linha, Giddens (1993) menciona a "invenção da maternidade" como uma das influências no final do século XVIII que impactou a vida da mulher.

A partir desse período, ocorreram mudanças na dinâmica familiar, a mulher passou a ocupar o lugar de mãe, que se tornou um lugar de valorização. As mães eram as responsáveis pelos cuidados com a saúde e a educação dos filhos, as gestoras do lar, e ao mesmo tempo que eram valorizadas nesta função, eram cobradas. Ao longo do tempo, com a valorização do saber científico, foram surgindo teorias e

manuais ditando regras de como uma boa mãe deveria agir, construindo e fortalecendo esse ideal da maternidade que se enraizou socialmente.

Badinter (1985) alega que o amor materno não está relacionado com fatores biológicos, instintivos ou sanguíneos, mas sim é um sentimento como qualquer outro sentimento humano, sendo composto de variabilidades, imperfeições, fragilidades e incertezas, adquirido na evolução cultural e não inerente à condição feminina. A construção desse amor materno elevou a maternidade a um dever da mulher, algo natural que compõe a natureza de ser mulher, o que trouxe a ideia de que para ela ter uma realização plena de sua feminilidade, deveria corresponder a vocação materna, seguindo todas as idealizações da sociedade. Juntamente com esse processo de idealização surgiram critérios de julgamento e apontamentos sobre o que seria uma boa mãe, levando estas mulheres a serem atravessadas por esses imperativos no exercício da maternidade (Emídio, 2011).

Na atualidade, como apontamos anteriormente, com o atravessamento das redes sociais na vida das pessoas e o uso cada vez mais frequente destas, notou-se o uso dessa imagem de boa mãe, perfeita e que se realiza com a maternidade, na figura das mães influenciadoras, muitas dessas constroem postagens de fotos e vídeos trazendo a impressão de serem mães felizes o tempo todo, demonstram uma amamentação espontânea e sem dificuldades, uma estabilidade na vida conjugal, social, profissional e com os filhos. Além disso, muitas mães colocam a imagem da maternidade como sinônimo de realização pessoal, conquista, plenitude e feminilidade. É notório que todos esses elementos corroboram para a manutenção do mito da mãe perfeita.

Badinter (2010), Emídio e Gigek (2019), Iaconelli (2015) apontam que a idealização da maternidade traz para a vida das mulheres uma carga de cobrança e sofrimento, elas se questionam se são boas mães, se amam seus filhos e se correspondem às expectativas da sociedade com relação ao seu papel materno. Nesse sentido, as referidas autoras apontam para a necessidade de se olhar para a maternidade como uma experiência plural. Iaconelli (2015) ao enfatizar sobre a urgência de uma maternidade plural, coloca que os sentidos atribuídos à maternidade não são homogêneos ao longo da história e nem em um mesmo período histórico.

Seguindo este raciocínio, Donath (2017) aponta que a maternidade pode ser por si só repressiva, visto que diminui as possibilidades de movimento e o grau de independência das mulheres. O sofrimento social da maternidade é trabalhado por Visitin e Aiello-Vaisberg (2017), que colocam que este se apresenta principalmente por meio da angústia e do sentimento de culpa, em virtude da prevalência de uma estrutura sociocultural que define a maternidade como algo idealizado, e do distanciamento entre o que é prescrito socialmente e o vivenciado no cotidiano, o que acaba por provocar esse desconforto emocional. Os referidos autores colocam que, ainda nos dias de hoje, existem expectativas de que o cuidado infantil deve ser responsabilidade exclusiva das mães, o que favorece o sofrimento e o mal-estar emocional materno.

Diante deste cenário é possível questionar sobre o papel dos espaços virtuais e dos influenciadores digitais, reforçando a idealização da maternidade, e conseqüentemente, ressoando na maternidade das mães que acompanham perfis de mães influenciadoras.

Porém, ao adentrarmos nesse contexto, devemos considerar que estamos inseridos em uma sociedade a qual Debord (1997) descreveu como “sociedade do espetáculo”, aquela na qual a exibição do ser se torna primordial, razão de ser e de existir para o sujeito, uma exibição do eu que tem como objetivo sua exaltação. O autor frisa que, nessa sociedade, surgem artefatos sedutores evidenciados pela mídia com imagens de requinte e *status*, o que leva a ter como característica principal o culto à performance, na qual o sujeito busca a exaltação de si, no cenário social. Nossa sociedade pode ser compreendida como uma fábrica de imagens glamourizadas, influenciando e trazendo um desejo de exibir publicamente um estilo de vida o mais próximo possível do considerado ideal.

Debord (1997) aponta que a moral do espetáculo se manifesta no ideal de felicidade e do entretenimento, tornando-se o sujeito um espectador do mundo de aparências que se impõe. Nessa perspectiva, de acordo com Freire-Costa (2005), o mundo do espetáculo se ordena por um desfile de imagens, com o objetivo de despertar a atenção e a admiração. Conforme o autor, nessa proposta, surgem normas de como viver, como se relacionar, como julgar, formas de disciplinar o homem e de tirar sua possibilidade de pensar sobre o real significado das coisas, levando-o a se apegar apenas ao virtual.

Essa virtualidade faz da aparência a *prima donna* das relações contemporâneas, de maneira que os indivíduos, além de passarem a ver o mundo pelo olhar espetacular, são convidados a participar dele, imitando estilos de vida, seguindo os ditames da moda. O referido autor ainda enfatiza que, embora os sujeitos sejam levados à imitação de seus ídolos espetaculares, essa imitação não se sustenta por muito tempo, porque o sujeito não tem condições de ostentar essas posições de riqueza, de poderes políticos e, assim, frente à impossibilidade, contenta-se em imitar o que lhe é mais acessível, voltando-se para si mesmo, para seu corpo e suas ações (Freire- Costa,2005; Birman, 2007).

Esse movimento do sujeito voltado para si e interessado em sua própria exaltação é discutido por Lasch (1983). O autor aponta que vivemos em um contexto marcado pela *cultura do narcisismo*, que sofre uma influência marcante da mídia em sua produção, uma vez que esta produz uma exaltação da imagem e da hegemonia da aparência, em que o mais importante é parecer ao outro e se possível, ser admirado por ele. Neste cenário social, os sujeitos são facilmente capturados pela mídia por suas imagens veiculadas nas televisões, rádios e internet, e esse sujeito narcísico é capturado por meio de seu desejo de exaltação do próprio eu, de seu apego a própria imagem.

Desta forma, na contemporaneidade podemos perceber uma configuração na qual o sujeito se constitui sacrificado pelas vozes imperativas emergentes e passa a se comportar como se não tolerasse a espera para a realização, torna-se um

entusiasta recorrente, sedento pelo prazer, sedento pela proteção e completamente obediente aos imperativos que se impõem. Quando consideramos as ideias apresentadas acima, retomamos nossos questionamentos sobre como, na atualidade, as mães influenciadoras, com seus conteúdos e imagens idealizadas, influenciam nos sentimentos vivenciados na maternidade de suas seguidoras

METÓDO

TIPO DE ESTUDO

Trata-se de uma pesquisa transversal, exploratória descritiva, de abordagem qualitativa.

PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa 7 mulheres, mães, com idades entre 21 e 31 anos, que experienciam a maternidade pela primeira vez e que acompanham os perfis de mães influenciadoras no Instagram. Estabeleceu-se como critério de inclusão no grupo pesquisado: ser mãe pela primeira vez, do sexo feminino, com idade entre 20 e 45 anos, e seguir perfis de mães influenciadoras no Instagram, sendo que o não atendimento desses critérios foram condições de exclusão. O número de sete entrevistadas foi considerado a partir da amostra por saturação do conteúdo das entrevistas. (Minayo, 2017).

O Instagram foi a rede social escolhida para esta pesquisa por permitir o compartilhamento instantâneo de fotos e vídeos, pelo amplo número de acessos e por ser a rede social mais utilizada entre os influenciadores. A faixa etária da pesquisa está relacionada com a média da idade do uso do Instagram, de 20 a 35 anos, e a escolha por mães que estejam vivenciando a maternidade pela primeira vez foi por levarmos em conta que em uma primeira vivência da maternidade há a falta de experiência e de referências anteriores, levando algumas mulheres a buscá-las nos perfis de mães influenciadoras.

Deste modo, o grupo pesquisado se constituiu de um grupo com sete mulheres, com idades entre 21 e 31 anos, que exerciam atividade profissional fora do lar. Dentre as sete mulheres, três eram casadas, uma estava em um relacionamento de namoro, duas estavam solteiras e 1 era divorciada. Todas as mulheres entrevistadas vivenciavam a maternidade pela primeira vez, faziam uso da rede social Instagram e eram seguidoras de "*mommy influencers*".

INSTRUMENTO

O instrumento de coleta de dados foi a entrevista semidirigida. Foi elaborado um roteiro prévio com questões sobre como as mães vivenciam a maternidade, como os padrões e as cobranças impactam nessa experiência de ser mãe, e também foram feitas questões sobre como é seguir as mães influenciadoras, se existem discrepâncias e influências desses perfis, assim como as ressonâncias destes perfis

na experiência de maternidade das entrevistadas. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas de forma integral.

PROCEDIMENTOS

O contato com as entrevistadas se deu por meio de “bola de neve”, a partir de uma primeira indicação de terceiros. Foi feito o contato via Instagram com mães que seguiam “*mommy influencers*”, a partir desse primeiro contato era verificado se estas atendiam ao perfil do grupo pesquisado e então era agendada uma entrevista online. Deste modo, a partir do contato com as mães, foi agendada uma entrevista online. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, protocolo CAEE nº 50964421.3.0000.5401. Foram seguidos todos os cuidados éticos necessários, garantindo-se o anonimato das entrevistadas, que receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por *e-mail* e o devolveram assinado antes da realização das entrevistas.

ANÁLISE DE DADOS

A partir da transcrição das entrevistas, foi realizada uma análise que buscou atrelar os dados colhidos com o material científico disponível e construir reflexões sobre o tema da pesquisa. Buscamos tecer reflexões sobre a maternidade na atualidade e sobre como a idealização da maternidade nas redes sociais a partir da figura das “*mommy influencers*” ressoa na experiência da maternidade de mães que são suas seguidoras.

Baseada na proposta da Análise de Conteúdo Temática (Braun & Clarke, 2019), que se deu por meio da articulação dos relatos das entrevistas com as discussões sobre idealização da maternidade e sobre a sociedade na atualidade. Após essa etapa exploratória, os dados foram organizados em três categorias de análise: Ser mãe na atualidade; A maternidade e as cobranças; O Instagram, o ideal de maternidade e a busca por perfis de “*mommy influencers*”, que serão apresentadas a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

SER MÃE NA ATUALIDADE

Ao perguntarmos às entrevistadas sobre seus sentimentos em relação à experiência da maternidade estas trouxeram sentimentos de dúvida e ambivalência, a forte presença de cobranças e sobrecargas, além de preocupações em não conseguirem alcançar o ideal da maternidade.

M3 aponta que no começo “era algo muito mais estressante, mais cansativo, eu tinha uma exaustão mental, uma preocupação na cabeça muito maior” mas que agora se sente feliz por saber que está desempenhando “um trabalho muito bom”. M6, afirma que a maternidade trouxe realização, porém coloca que “não é apenas isso né, a maternidade tem muitas sobrecargas, muitas preocupações”. M2

nos conta que quando pensa em sua filha, só consegue pensar em “coisas boas”, porém alega que quando pensa na maternidade “os meus sentimentos já mudam um pouco”, acrescentando que tem “também tem um sentimento de responsabilidade muito grande, uma pressão mesmo, acho que o peso de ser mãe, de ser responsável por uma vida, eu, ser responsável sozinha por uma vida, tem um peso muito grande, que querendo ou não causa insegurança, receios.”

A partir do relato das entrevistadas, pode-se verificar que a maternidade se apresenta como uma relação ambivalente, confirmando o que Donath (2017) discute ao apontar que é possível identificar nos discursos maternos sentimentos de dúvidas e ambivalência em relação à maternidade. As mães trazem em seus discursos a maternidade como algo bom, que as realiza, mas também como algo que traz cobrança e sobrecarga. Podemos pensar então se essa cobrança presente nos relatos das entrevistadas se relaciona à busca de atingir um ideal de boa mãe e, assim, poderem ser reconhecidas socialmente?

Ao analisarmos os relatos, pudemos verificar que as mães colocam a maternidade em um lugar ideal, repleto de sentimentos bons e de cuidados e responsabilidades, e que os sentimentos negativos, embora apareçam em seus discursos, se apresentam como algo presente, mas que não poderia estar ali, trazendo para estas o sentimento de impotência e de culpa diante das emoções vividas nessa experiência.

Porém, observa-se no relato de M2 a presença dessa ambivalência, assim como no discurso das outras mães entrevistadas, apontando para uma relação em que não estão presentes apenas sentimentos de amor e devoção, como também o sentimento de pressão, reponsabilidade e a solidão da maternidade. Nesse sentido, percebe-se que embora as entrevistadas sejam atravessadas pelos ideais da maternidade, elas ao discorrerem sobre suas experiências apontam para sentimentos que vão para além deste ideal e explicitam a necessidade de falar sobre as dificuldades e inseguranças que envolvem a maternidade.

Embora a sociedade e os valores ligados ao amor materno criem uma conexão com a mãe ideal, com o sentimento do amor materno como algo natural e inquestionável, podemos recorrer às discussões de Badinter(2010) e Donath (2017) que apontam para esse vínculo como uma experiência ambivalente, em que a pluralidade de sentimentos está presente, não devendo as mães serem automaticamente capturadas por esse discurso único que reforça a ideia de algo benevolente, santificado e que põe a mulher nesse lugar de renúncia completa de seus outros ideais de vida. O conflito diante da maternidade é algo que se apresenta como inevitável, mas que pode ser olhado como um caminho de reflexão, de revisitar de papéis, considerando as mudanças que ao longo do tempo foram ocorrendo na vida familiar e na sociedade como um todo. Essa apresenta-se como uma necessidade urgente, em busca de que as reflexões promovam transformações, que mesmo lentas e graduais, e possibilitem outros modos de se olhar para a maternidade e para as mães.

Um ponto importante a se considerar nos relatos das entrevistadas, é a questão da sobrecarga, ao afirmarem que sentem uma sobrecarga por terem que lidar sozinhas com as demandas e as responsabilidades. Segundo Badinter (2010), a

chegada dos filhos pode gerar sobrecarga à mulher ao conciliar a maternidade com as tarefas domésticas, enquanto muitas vezes, a vida dos homens se mantém na dedicação à atividade profissional. Pereira e Tsallis (2020) apontam que essa sobrecarga se liga também a ideia de uma maternidade sacrificial que foi construída junto aos discursos morais vinculados à maternidade e que ressoam nas experiências das mães hoje, como se estas tivessem o dever moral de dar conta de todas as demandas e de responder à todas as expectativas sociais em torno de seu papel de mãe.

Os relatos apontam sobre como as mães se sentem responsáveis pela ideia de felicidade familiar, é como se elas precisassem garantir por meio de sua maternidade, uma estabilidade para o grupo e o seu protagonismo no cuidado com a família seria o fator potencializador dessa busca e do possível alcance da "felicidade familiar". Porém, essas mães, mesmo nesse lugar de cuidadoras das famílias, são afetadas por emoções paradoxais despertadas por essa experiência. Nesse sentido, as falas das mães apontam para a tentativa recorrente de se manter o lugar de mãe construído historicamente, evitando a ruptura com esses lugares familiares e socialmente instituídos.

A solidão sentida por M5 se articula às discussões de Beltrame e Donelli (2012), apontando que quando a mãe se considera a única responsável pelo cuidado dos filhos, esta tende a apresentar maiores sentimentos de ansiedade e insatisfação, colocando a importância de uma rede de apoio, que seja efetivamente um suporte, com quem a mãe pode compartilhar essa experiência. Os autores elucidam sobre a importância da presença de uma rede de apoio, funcionando como uma proteção à maternidade e fornecendo encorajamento para que a mulher se sinta autorizada em sua função materna.

Em síntese, pode-se notar no relato dessas mães, muitos sentimentos de dúvida e ambivalência no que tange a maternidade. A maioria das entrevistadas afirma ainda não saber lidar toda a sobrecarga e as cobranças colocadas, principalmente quando estas lidam com as demandas e as responsabilidades sozinhas, o que gera sentimento de culpa e frustração.

Percebe-se que a maternidade na atualidade, pelo discurso das entrevistadas desta pesquisa, apresenta-se como uma experiência repleta de emoções e que continua vinculada à busca de atender a esse ideal, trazendo para as mães o sentimento de sobrecarga e solidão, que apontam para a necessidade de uma rede de apoio.

Se considerarmos essa maternidade exercida no contexto que Debord (1997) descreve como sociedade do espetáculo, podemos considerar que o sujeito se constitui sacrificado pelas vozes imperativas emergentes. Esse sujeito passa a se comportar como se não tolerasse a espera para a realização, torna-se um entusiasta recorrente, sedento pelo reconhecimento social, sedento pela proteção e completamente obediente aos imperativos que se impõem. As mulheres entrevistadas apresentam os sentimentos ambivalentes e seus sofrimentos, porém se apresentam paralisadas diante desses ideais, são obedientes em busca do reconhecimento social. Deste modo, verifica-se que mesmo com todas as lutas e buscas das mulheres de reconfigurarem seu papel na sociedade, o modelo de

sociedade que se apresenta na atualidade potencializa essa busca por atender ao ideal de boa mãe, fortalecendo essa cobrança com o materno e recolocando as mulheres nesse lugar de obediência.

A MATERNIDADE E AS COBRANÇAS

No relato das entrevistadas, percebe-se que o ideal de maternidade ressoa na vida dessas mães também sobre a forma de cobranças ligadas à maternidade como apresentado na fala de M3, que relata um estresse excessivo pelas cobranças familiares “o pessoal da família né, os parentes, aquele pessoal mais velho principalmente, eles ficavam toda hora cobrando algo que eu não fazia, ou dizendo que eu devia fazer de outra forma”. M2 também relata que muitas vezes os familiares também exercem essa cobrança do que deve ser feito com a criança, deixando “uma situação muito chata né, muito estressante”.

M5 nos relata que sentia cobranças todos os dias para seguir certos ideais da maternidade: “as pessoas impõem para a gente na maternidade, e que infelizmente são indiscutíveis porque pessoas assim tem a cabeça fechada, não conseguem visualizar o que a gente tá tentando colocar”. Essa entrevistada, também relata uma cobrança a mais por ser mãe solo, sendo julgada pelas pessoas mais próximas, como amigas e familiares, exemplificando na seguinte fala “o sentimento de frustração que fica quando tu vai em algum lugar e tu tá ali com teu filho no braço, mochila no outro, chave do carro, toda sobrecarregada e a pessoa diz: cadê o pai? E tu tem que explicar ali que não tem ali o pai presente e a pessoa vêm com uma cara de tristeza, que tipo desmotiva total”.

A fala das entrevistadas apontam para o fato de que com o nascimento dos filhos estas se sentiam cobradas de seu papel materno e que este papel estava imposto como um padrão que estas deveriam seguir, sem considerar as especificidades e diferenças das experiências da maternidade. Moura e Araújo (2004) já apontavam que historicamente, a valorização do papel da mãe e a relevância dada à sua responsabilidade relacionada aos cuidados com o bebê, já agregava sentimento de culpa em relação às exigências impostas ao seu papel.

Donath (2017) coloca que esse olhar para as mães como cuidadoras, levou a construção de uma cobrança para com essa figura. Espera-se que a mãe se apegue de forma natural aos filhos e atenda às duas demandas correspondendo a esse ideal de maternidade. Esse movimento, persiste atualmente, e embora tenhamos vivido um longo processo de transformação do papel social da mulher, ainda se busca essa vinculação natural com a maternidade, sobrecarregando as mães com as cobranças relativas a esse ideal.

Visitin e Aiello-Vaisberg (2017), colocam que essas demandas com relação às mães levou a constituição de uma imagem idealizada da mãe, colocando que somente ela teria condições de cuidado e proteção dos seus filhos, sendo figuras essenciais para o desenvolvimento das crianças e para se tornarem adultos saudáveis e produtivos. Além disso, esse ideal da maternidade se baseia no molde de maternidades exercidas por mulheres de gerações anteriores, não se adaptando às mudanças que ocorreram em nossa sociedade. Deste modo, podemos considerar que as mulheres na atualidade se mantêm aprisionadas em uma construção de um

ideal de maternidade que de certo modo destitui seu caráter singular, colocando as mulheres em um olhar padrão sobre esta experiência. Se retomarmos as discussões de Birman (2007) podemos dizer que esse movimento também pode ser pensado como algo característico da sociedade atual, que esvazia o caráter singular da experiência do ser, criando sujeitos massificados, pautados em um padrão de existência e de felicidade.

Porém, todas essas cobranças acabam por trazer para essas mães uma série de impactos emocionais, M5 cita uma "fase de não acreditar em mim, não acreditar que eu conseguiria criar meu filho sozinha", de acordo com ela toda essa "desmotivação que vem de fora, é muito grande, então assim, abala muito o nosso psicológico". M4 também coloca uma queda em sua autoestima "eu tive bastante dificuldade de me entender como mãe e mulher", sentindo principalmente "a cobrança de que você tem que ser uma mãe igual as outras né, fisicamente, como você se veste" e acrescenta que "estava me tornando uma pessoa que eu não queria, tentando me encaixar no padrão materno, aí eu entendi que aquilo era uma cobrança materna".

A partir desses relatos podemos pensar no sofrimento que essas cobranças causam na vida das mães, Azevedo e Arrais (2006) colocam que por mais que a experiência da maternidade comporte oscilações, transformações e imperfeições, a visão romantizada de que uma mãe não deve demonstrar fragilidade e que possui uma vocação inata, sendo considerada incapaz a mulher que não corresponde aos ideais, corrobora para perturbações na experiência da maternidade.

As entrevistadas mencionaram o quanto essas cobranças afetam sua saúde mental e relataram seus sofrimentos. Badinter (2010), Emídio e Gigeck (2019) e Iaconelli (2015) apontam que a idealização da maternidade traz para a vida das mulheres uma carga de cobrança e sofrimento, uma vez que estas são tomadas por questionamentos se são boas mães ou não, se amam seus filhos, se se arrependem da maternidade, entre outras questões, apontando também sobre a necessidade de se olhar para a maternidade como uma experiência plural.

O argumento das autoras citadas anteriormente é encontrado na fala da maioria das entrevistadas, como na exposição de M2 ao afirmar que as mães que mostram a maternidade nas redes sociais "idealizam muito tudo, não só a maternidade, mas qualquer coisa... idealizam os relacionamentos, com a família, com o marido, idealizam o trabalho, tudo". M2 também apresenta um discurso muito semelhante com o da entrevistada citada anteriormente, colocando que se mostra "um ideal de maternidade que não existe", reconhecendo que "não existe, uma maternidade sem dores, sem dificuldades, uma maternidade onde a criança estava sempre bem e nem todos os dias são assim".

Ainda em sua fala, M5 aponta um sentimento de culpa acarretado pela idealização da maternidade e nos conta que pensava: " Como é que essa guria tá aqui, linda e maravilhosa se ela tem um bebê bem pequenininho, o meu já é grande e eu estou aqui desse jeito... Então eu pensava que eu estava fazendo alguma coisa de errado, então sim existia sim um pouco dessa cobrança". Nesse relato, podemos relacionar os estudos de Visitin e Aiello-Vaisberg (2017), ao apontarem que o sofrimento

social da maternidade trazido pela idealização se configurava principalmente por meio da angústia e do sentimento de culpa.

Assim, ao considerarmos o sofrimento apresentado pelas entrevistadas com relação às cobranças de atingir esse ideal de maternidade, destacamos a presença de uma cobrança recorrente que recai sobre essas mulheres mães. Essa cobrança recorrente as leva a ingressar em uma engrenagem em que estão sempre devendo para seus filhos, para a sociedade. Além disso, essas mães colocam a ideia de que deveriam estar disponíveis o tempo todo, além de estarem dispostas a atender as demandas de seus filhos. A não correspondência ao movimento dessa engrenagem leva essas mães a vivenciarem os sentimentos de angústia e culpa e a sensação de estarem doentes, de que fracassaram.

Essas colocações nos levam às discussões sobre a sociedade atual, em que o sujeito é cobrado em atender aos ideais socialmente impostos e a ingressar nos modelos e padrões de vida que se configuram em cada tempo. A não correspondência a esses padrões leva o sujeito à exclusão e/ou ao adoecimento. Birman (2007) coloca que nessa sociedade em que o sujeito, despossuído de si mesmo, volta seu desejo para si e passa a negar a existência do outro, do externo, do sofrimento, vivemos uma condição solipsista e acabamos nos voltando para um processo de biologização da vida, para a medicalização. Vivemos em um contexto em que quem não responde às demandas é cobrado e taxado como doente, recorrendo aos medicamentos como uma forma de reestabelecer a engrenagem, de continuar caminhando.

As mães entrevistadas conseguiram falar sobre suas angústias e sofrimentos, porém apresentaram o sentimento de impotência diante das demandas sociais e das cobranças com relação à maternidade, como se estas não tivessem outro caminho a não ser ceder a esses imperativos, se adaptarem e responderem às expectativas sociais. Esse processo nos leva a pensar na fragilidade dos processos de subjetivação na atualidade, o questionamento, as lutas, a busca pela transformação social são recorrentemente capturadas pela velocidade, pela falta de tempo, pelo esvaziamento da reflexão, levando o sujeito a buscar amparo nessas cobranças, buscando referenciais nos quais baseia sua vida, norteando suas ações e seu modo de estar no mundo.

Além desses fatores, as entrevistadas apresentaram cobranças relacionadas à pressão estética do corpo, como no caso de M3 que narra a comparação que fazia de seu corpo com o de outras mães “de pensar nossa essa daqui voltou com o corpo muito rápido depois de ter filho”, alegando que era algo que “no começo eu ficava mal... mas sei lá, depois a gente aprende a lidar né...”. O mesmo é apresentado na fala de M1, ao dizer que ficou “muito mal, muito mal mesmo, não pela gestação, mas por ter trancado a faculdade, pelo meu corpo...” Seguindo essa linha de discursos, Costa (2018), em seus estudos já apontava o sofrimento como sendo intrínseco ao puerpério e as mudanças corporais como um fator importante para esse estado das mulheres.

A questão do corpo na atualidade apresenta-se como uma importante discussão, que não se esgotará nesse trabalho. Porém, ao considerarmos os relatos das entrevistadas, verificamos que estas se sentem cobradas não só com relação ao

ideal da maternidade, mas também ao ideal do corpo perfeito que está fortemente presente em nossa sociedade.

Esse delírio das aparências e a busca incessante de um corpo que seja admirado pelo outro nos colocam diante de questões da busca de uma satisfação completa. A completude que desde as construções mitológicas são colocadas como uma busca do humano, como se para cada um de nós existisse algo que nos tornasse completos, leva muitas vezes os sujeitos a busca constante da perfeição, na qual em uma sociedade que o simbólico está empobrecido e a reflexão sobre a vida e a própria existência é banida, somos mantidos nos delírios corporais, que nos sinalizam para a relação concreta que estabelecemos com o mundo e para nossas dificuldades de sublimação em mundo simbolicamente empobrecido, no qual a ação compulsiva se configura como um terreno tranquilizador.

Deste modo, o corpo marcado pelas transformações da maternidade é um corpo que angústia essas mulheres. As mudanças corporais as quais são acometidas, são pensadas como algo a que se precisa recuperar logo, voltar logo ao corpo anterior, como uma tentativa recorrente de negar as transformações, as mudanças trazidas por essa experiência. A sociedade atual traz experiências pautadas nesse movimento, o da anulação das experiências vividas em busca de atender aos ideais constituídos.

Assim, o corpo que gerou o filho é olhado como algo que trouxe danos à essa mulher. Ela deve buscar então restaurar esse corpo e se implica em uma luta constante em busca de alcançar o reconhecimento social também nessa esfera, como percebemos nas falas: "ela voltou rápido o corpo", "como que ela está assim e eu não". Nesses relatos, notamos essa captura, as diversas pressões exercidas sobre o sujeito na atualidade, e o lugar de referência ocupado por esses ideais sociais, como no caso deste estudo, do ideal de maternidade.

A cultura do narcisismo, conforme indicada por Lasch (1983), estrutura-se em um moral perversa, em que a dimensão do outro é negada para a evitação do sofrimento, como também pela busca indiscriminada pelo prazer. Neste cenário social os sujeitos são facilmente capturados pela mídia por suas imagens veiculadas nas televisões, rádios e internet, e esse sujeito narcísico é capturado por ela por meio de seu desejo de exaltação do próprio eu, de seu apego a própria imagem e assim desvaloriza a interioridade em detrimento da exterioridade. Birman (2007) refere-se ainda ao sujeito fora- de-si, aquele que tem a exterioridade por excelência.

As cobranças com relação ao ideal de maternidade construído e enraizado socialmente, compõe uma dentre tantas outras cobranças a que os sujeitos estão submetidos nesse contexto social. Porém, essa servidão e a busca por atingir esses ideais em busca do reconhecimento social, nos coloca não apenas diante desses ideais, mas também do lugar de referência que eles ocupam em um cenário de fragilidade simbólica, de fragilidade de referenciais simbólicos aos quais o sujeito pode se amparar.

Em uma configuração social que valoriza apenas a si mesmo e à própria exaltação, em uma moral espetacular na qual as relações são mediadas pelo universo da imagem, em que o eu não é tocado pelo outro, produzimos espectros de Narciso,

no qual as individualidades se transformam em objetos descartáveis. Nessa sociedade, no qual a imagem é o instrumento para a sedução do outro, podemos pensar nas redes sociais e nos perfis de *"mommy influencers"*, questionando seu papel na consolidação desse ideal de maternidade.

O INTRAGRAM, O IDEAL DE MATERNIDADE E A BUSCA POR PERFIS DE "MOMMY INFLUENCERS"

Durante as entrevistas, a primeira questão feita sobre as redes sociais é com a relação à frequência que as mães acompanham os perfis das *"mommy influencers"*. Todas as entrevistadas afirmaram acessar esses perfis diariamente, M2 comenta que "toda vez aparece no meu Instagram, aparece no feed, aparece nos stories também". M3 relata que a frequência que acompanha esses perfis é a mesma no início da maternidade e aponta que "não mudou a quantidade de vezes que eu assisto as coisas", acrescentando que agora assiste bastante por estar em "uma fase de aprender a lidar com os ciclos e as birras das crianças".

Após as mães relatarem sobre a frequência que acompanham as *"mommy influencers"*, foi perguntado se estas comparavam a sua maternidade com as exibidas nas redes sociais. Segundo M2, "eu nunca comparei porque eu sempre tive os pés muito no chão sabendo que eu vivencio a minha maternidade, a maternidade possível dentro da minha vida hoje", porém nessa mesma fala, ela acrescenta que no início se cobrava por não conseguir ser tão presente e que hoje "eu já consigo administrar melhor essa culpa". De acordo com Pereira e Tsallis (2020) existe uma expressão que conecta de forma inquestionável a culpa e a maternidade, como se houvesse um pertencimento de culpa na mãe, o que é observado na fala de M5, ao dizer que vive sua maternidade dentro de suas possibilidades, porém mesmo assim, esse sentimento de culpa persiste.

M5, citada anteriormente, ainda acrescenta: "eu acho que as mães que falam sobre a maternidade no Instagram precisam entender que existe essa diferença, então elas têm que falar para todas, para mães casadas com homens, com mulheres, mães solos." Nesse contexto, observamos nas redes sociais, uma produção discursiva sobre a maternidade que não contempla a realidade da maioria das famílias brasileiras, tornando hegemônica determinada forma de maternidade, e por conseguinte, segregando as demais formas de maternas existentes (PEREIRA, TSALLIS, 2020). Além disso, também deve-se considerar que as mães entrevistadas estavam experienciando a maternidade pela primeira vez, fazendo com que muitas vezes essa produção discursiva seja vista como um ideal e um modelo a ser seguido.

M4 coloca que costumava comparar sua maternidade principalmente no início da maternidade, por ser mãe de primeira viagem, porém, isso era algo que "já chegou a me deixar mal". M1 também relata um mal-estar em determinados momentos que acompanhava esses perfis, principalmente por não conseguir alcançar alguns ideais na hora do parto e na amamentação: "começou a me incomodar muito, e eu parei de seguir ela".

A maioria das entrevistadas cita o fator financeiro como uma das principais discrepâncias, M2 nos conta que algumas "são muito ricas, muito famosas que

idealizam muito tudo, não só a maternidade, mas qualquer coisa... idealizam os relacionamentos com a família, com o marido, idealizam o trabalho tudo” e acrescenta que “mostram tudo como uma fantasia mesmo”. M3 apresenta um discurso muito parecido, dizendo que “elas não mostram a realidade, elas fingem muita coisa, deixam de mostrar muita coisa, elas acabam criando uma realidade própria que a gente sabe que não existe, isso é algo impossível”.

Freire-Costa (2005), referindo-se ao texto de Debord (1997) sobre a moral do espetáculo, afirma que, nesse contexto, emerge também uma moral do entretenimento. Nesta, a mídia ocupa um importante papel, forjando um certo distanciamento moral sob a alegação de ser imparcial e produzindo, longe da liberdade difundida pelo direito e liberdade de expressão, uma massificação dos sujeitos, pela qual, no mundo permeado pelo interesse de ganhar mais dinheiro, vale tudo para conseguir mais espectadores e patrocinadores que permitam criar a ilusão de um mundo ideal vinculado à vida dos artistas ou dos heróis e celebridades do momento e uma culpabilização daqueles que não atingem esse *status social*.

Na moral do espetáculo e na moral do entretenimento, vemos novamente a marca da sociedade na atualidade emergirem: a negação do outro, o esvaziamento da alteridade, as diversas formas e estratégias do sujeito para negar o desamparo. Novamente aparecem também, neste cenário, o movimento compulsivo, como se o consumo exacerbado e os imperativos midiáticos, pudessem levá-lo a tão sonhada completude. Os artefatos sedutores da mídia capturam facilmente os sujeitos pois buscam incessantemente uma forma de satisfação e a negação da falta. Nesse movimento é que vai se configurar o mundo de ilusões oferecido pela mídia ao sujeito, no qual produz por suas imagens, ideais voltados para vidas de sucesso, riqueza, de corpos sarados, formas de seduzir o sujeito e levá-lo também a uma outra compulsão, o consumo, que responde aos interesses capitalistas bem como a necessidade do sujeito de suportar a ansiedade causada pelo desamparo.

Schumacher (2015) aponta que muitas mães se comparam com as mães aparentemente perfeitas e passam a se culpar e se frustrar, realmente pelo que é mostrado se distanciar do que realmente é vivenciado no cuidado com os filhos. A partir disso, foi perguntado às mães se em algum momento elas já sentiram culpa ou frustração por não vivenciar uma maternidade como a apresentada nos espaços virtuais.

Das sete entrevistadas, seis delas relataram sentir culpa ou frustração em algum momento, como exemplificado por M5: “eu me culpava pelo que eu via as outras pessoas fazendo, tendo tempo para si, tendo tempo para se cuidar, para trabalhar e enfim. E eu não conseguia conciliar o meu filho, minha casa, a minha vida profissional, a minha vida pessoal, era tudo muito difícil e eu me culpava demais, demais”. Segundo Pereira e Tsallis (2020), há uma romantização e idealização da maternidade, que por meio de uma produção discursiva, sugere modos de criar os filhos, que não são possíveis ou viáveis para as mães e para as mais diversas configurações familiares.

Porém, essa criação discursiva captura as mulheres não as levando ao questionamento desse movimento. As mães imputam a culpa de não responderem

a esse ideal a si mesmas, acreditando que algo de errado está acontecendo com as suas vidas, com seu modo de agir. Visitin e Aiello- Vaisberg (2021, p. 6) colocam que as mães vinculadas aos espaços das redes-sociais tendem a desconsiderar suas próprias vivências e relacionamentos, como também a organização social de cuidados de bebês, voltando todas as explicações com algo que ocorre consigo mesmo. Deste modo, os autores colocam sobre a importância de entender o sofrimento materno se afastando dessa ideia de algo orgânico que ocorre com essas mulheres, buscando abordar a maternidade como um fenômeno humano, em que os desconfortos psicológicos de mães seriam resultado de uma série de fatores, que “oprimem a mãe e dificultam a superação de defesas que lhe custam um viver mais integrado e autêntico”.

A busca pelo perfil de “*mommy influencers*” pode ser considerada uma busca por um amparo diante da falta de referenciais em que estas mulheres possam viver a experiência da maternidade como uma construção, colocando para elas que já existe um modelo, algo pronto a que elas devem se dedicar a seguir e a atingir o mais próximo possível daquilo que é esperado.

Assim, as narrações discursivas construídas nas redes-sociais, apontam para a criação de um ideal virtual de maternidade, que de certo modo contribui para a manutenção do enraizamento dos valores sociais ligados ao exercício da maternidade. Esses perfis são buscados por essas mulheres como forma de amparo, de apoio para a nova experiência que estão vivendo, mas passam a ter um caráter tirânico, como algo que deve ser seguido por essas mães, sob a pena de lhes serem imputados o lugar de doente, daquela que não conseguiu, que fracassou em ocupar o seu lugar social.

Badinter (2010) utiliza o termo tirania materna ao se referir às exigências de dedicação integral das mulheres aos filhos e à crença de que o cuidado materno garante uma boa condição de desenvolvimento e de saúde mental. A autora aponta sobre como essa lógica coloca o bebê como um aliado do patriarcado, pois condiciona as mulheres a uma servidão voluntária, em que acreditam que estão se ligando à sua natureza, escolhendo serem mães, e deste modo, estão se dedicando incansavelmente ao sistema de produção capitalista, ofertando sua força de trabalho não remunerado.

Garrafa (2020) discute a noção de maternidade como vocação. Para a autora, essa ideia vocacional da maternidade convoca as mulheres a exercerem o trabalho não remunerado, como o materno e o doméstico, como “naturalmente” ligados à sua “vocação”, deste modo seus corpos são novamente capturados e subjugados, mantendo-se aprisionados ao discurso de glorificação e idealização da maternidade.

Além dessa busca por atingir o ideal de maternidade que passou também a compor o discurso das redes sociais, as entrevistadas trouxeram comparações com relação às questões financeiras, como presente na fala de M1 ao dizer se sentir culpada por “não poder proporcionar as festas que as blogueiras fazem”; e questões relacionadas ao desenvolvimento das crianças, como aparece na fala de M7, quando coloca que nas redes sociais vê as crianças se desenvolvendo muito bem, enquanto sua filha possui a fala atrasada: “eu me culpo um pouco e penso

que deveria estar sentada mais com ela e estimulando ... então nesses pontos eu me culpo e acaba sendo meio frustrante”. Essas comparações que acabam gerando frustração e culpa, se ligam também ao cenário social marcado por padrões a serem seguidos e que se reproduzem nos discursos das redes sociais. Tais padrões são construídos em torno de relações de riqueza e poder, que não necessariamente podem ser reproduzidos pelos seguidores, levando estes a um sofrimento recorrente que acaba se ligando a promoção de uma culpabilidade ligada às experiências individuais. Os sujeitos na atualidade, ao não atingirem os ideais sociais, ao perceberem as dicotomias entre o prescrito e o realmente vivenciado, entram em estados de sofrimento atribuindo a si mesmos a culpa por não atingirem esse ideal.

Apesar da capacidade de reflexão sobre essa maternidade ideal apresentada no Instagram, pudemos perceber que as entrevistadas buscam nessas referências apoio para a vivência da maternidade, uma forma de se sentirem amparadas diante das cobranças sociais a que estão submetidas. Porém, como essas redes são parte da engrenagem social, elas acabam por potencializar a lógica atuante, por fortalecerem os discursos aprisionantes a que as mães estão submetidas. Diante de belas imagens e cenários organizados, as “mommy influencers” fortalecem o ideal da boa mãe, mulher santificada e dedicada ao cuidado dos filhos, fortalecendo também as dicotomias entre aquilo que é realmente vivido, em suas pluralidades, e o que é estabelecido como padrão.

Deste modo, percebemos que estes perfis, muitas vezes atravessados pela lógica de mercado, pela busca do lucro ao influenciar pessoas, acabam aumentando a cobranças dessas mulheres com relação à maternidade e fortalecendo a culpa que sentem diante do que foi historicamente constituído como um padrão para a maternidade, não servindo como um apoio, um amparo no laço social para a vivência dessa experiência envolvida por sentimentos ambivalentes. Esses perfis acabam sendo sustentados e sustentando a cultura do narcisismo onde a negação da alteridade, da diferença estão presentes, e na busca da exaltação de si mesmo, o sujeito busca aderir e atingir aos ideais socialmente impostos como se estes pudessem trazer para eles a verdadeira satisfação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do desenvolvimento deste estudo, verificou-se como ao ideal de maternidade que circula nas redes sociais a partir dos perfis das “mommy influencers” impacta diretamente a experiência da maternidade de mães que são suas seguidoras.

A partir desta pesquisa, podemos considerar que os perfis de “mommy influencers” no Instagram, atuam como reforçadores da idealização da maternidade no imaginário social. Observou-se nesse cenário a presença de uma busca pela manutenção de um ideal de perfeição e o fortalecimento de padrões e perfis do que deve ser considerado uma boa mãe. Cabe ressaltar, que todos esses ideais elevam ainda mais a cobrança que a maternidade traz para a vida das mulheres, além de ressoarem em sentimentos de culpa e frustração. Dessa forma, devemos questionar os padrões ligados à maternidade, bem como o lugar social do

feminino restrito à experiência maternidade, além da necessidade de se olhar para a pluralidade dos percursos da vida do feminino.

Nesse sentido, estas reflexões nos levam à necessidade de questionamento desse modelo espetacular de nossa sociedade, do esvaziamento das relações, da condição de solidão vivenciada pelo sujeito na atualidade. Mas nos leva também a necessidade de fortalecer o questionamento de alguns pontos nodais de nossa sociedade que se vinculam de forma mais direta ao exercício da maternidade e ao sofrimento apresentado por nossas entrevistadas, são eles: as desigualdades de gênero, o enraizamento do materno como lugar de cuidado e a sobrecarga da mulher (as mulheres têm vários papéis a serem exercidos, o que as leva a viver em busca da conciliação, exigindo intensa dedicação). Essas questões apresentam urgência de serem debatidas, buscando a efetiva transformação do olhar para a mulher e para a maternidade, bem como o fortalecimento das redes de apoio, pois trazem impactos diretos à saúde da mulher, levando-as a sentimentos de esgotamento, impotência, culpa e solidão que se evidenciaram nos discursos das entrevistadas.

Por fim, embora consideremos ter alcançado o objetivo proposto, o que nos possibilitou discorrer sobre o ideal de maternidade apresentado nos perfis e “mommy influencers” e suas ressonâncias na vida das mulheres, é notável que este estudo apresenta algumas limitações, apresentando a necessidade de considerar outros nuances e dimensões do tema pesquisado, propiciando novas reflexões.

REFERÊNCIAS

- Badinter, E. (1985) Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Badinter, E. (2010). *O conflito: a mulher e a mãe*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Birman, J. (2007). Laços e desenlaces na contemporaneidade. *Jornal de Psicanálise*, 40(72), 47-62. Recuperado em 03 de março de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352007000100004&lng=pt&tlng=pt.
- Braun, V., & Clarke, V. (2019). Reflecting on reflexive thematic analysis. *Qualitative research in sport, exercise and health*, 11(4), 589-597. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2019.1628806>
- Debord, G. (1997) *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Donath, O. (2017). *Mães arrependidas*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio.
- Emídio, T. S. (2011). *Diálogos entre feminilidade e maternidade: um estudo sob o olhar da mitologia e da psicanálise*. São Paulo: Editora Unesp.
- Emídio, T. S., & Gigeck, T. (2019). Elas não querem ser mães: algumas reflexões sobre a escolha pela não maternidade na atualidade. *Trivium-Estudos Interdisciplinares*, 11(2), 186-197. <https://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2019v2p.186>
- Freire-Costa, J. (2005) O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond.

- Garrafa, T. (2020). Primeiros tempos da parentalidade. In D. Teperman, T. Garrafa, & V. Iaconelli (Orgs.), *Parentalidade* (pp. 55-71). Rio de Janeiro: Autêntica.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp.
- Iaconelli, V. (2015). *Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna*. São Paulo: Zagodoni.
- Lasch, C. (1983) *Cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago.
- Minayo, M.C (2017) Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(7), 01-02. Recuperado em 03 de março de 2023, de <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82/59>.
- Morais, N. S. D., & de Araújo Brito, M. L. (2020). Marketing digital através da ferramenta Instagram. *E-Acadêmica*, 1(1), e5-e5. Recuperado em 3 de março de 2023, de <https://eacademica.org/eacademica/article/view/5>
- Moura, S. M. S. R. D., & Araújo, M. D. F. (2004). A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. *Psicologia: ciência e profissão*, 24, 44-55. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000100006>
- Pereira, L. C., & Tsallis, A. C. (2020). Maternidade versus Sacrifício: uma análise do efeito moral dos discursos e práticas sobre a maternidade, comumente engendrados nos corpos das mulheres. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 15(3), 1-14. Recuperado em 03 de março de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082020000300008&lng=pt&tling=pt.
- Schumacher, M. M. (2015). Deseos personales, inclinaciones naturales y el significado del amor. *Estudios: Filosofía, Historia, Letras*, 13(113), 67-101.
- Visintin, C. D. N., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Motherhood and social suffering in Brazilian mommy blogs. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 19(2), 108-116. <http://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v19n2p108-116>.
- Visintin, C. D. N., Schulte, A. de A., & Aiello-Vaisberg, T. M. J.. (2021). "Meus hormônios me enlouquecem": investigação psicanalítica com mommy blogs brasileiros. *Psicologia USP*, 32(Psicol. USP, 2021 32). <https://doi.org/10.1590/0103-6564e180117>

CONFLITOS DE INTERESSES

Não há conflitos de interesses.

FINANCIAMENTO

Financiamento por meio de bolsa de iniciação científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

SOBRE OS AUTORES

Thassia Souza Emídio é Professora Assistente Doutora do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho- UNESP. e-mail: thassia.emidio@unesp.br.

 <https://orcid.org/0000-0002-4353-0912>

Gabriela Borsato Scaliente é Aluna de graduação em psicologia na UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Bolsista de iniciação científica na UNESP. e-mail: gabriela.borsato@unesp.br

 <https://orcid.org/0000-0001-6596-8897>